

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES – Versão do Alunos

2º ciclo do 2º bimestre da 2ª série

Eixo bimestral: **CONTO E ROMANCE NO REALISMO E NATURALISMO /
ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Leandro N. Cristino

Conteudistas

Simone Lopes

Vanessa Brito

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014

TEXTO GERADOR I

“O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, pode ser considerado a obra-prima de seu autor e o romance mais representativo do Naturalismo brasileiro. Publicado em 1890, o texto reflete as correntes ideológicas marcantes no estilo literário ao condicionar os destinos de seus personagens à genética e ao espaço físico. No terceiro capítulo da narrativa, que serviu de base para este gerador, a apresentação do cortiço é feita através de uma descrição bastante minuciosa.

III

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas **alinhadas**.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma **assentada** sete horas de chumbo. Como que se sentia ainda na **indolência** de neblina as **derradeiras** notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loira e **tenra** da **aurora**, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos **coradouros**, umedeceu o ar e punha-lhe um fartum **acre** de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o **marulhar** das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, **suplantando** todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora **traquinava** já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que **altercavam**, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio d' água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se.

As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as **ventas** e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das **latrinas** não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; **ensarilhavam**-se discussões e **rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

— Nhá Dunga? gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

A Leonor surgiu logo também, enfiando curiosa a **carapinha** por entre o pescoço e o ombro da mulata.

O padeiro entrou na estalagem, com a sua grande cesta à cabeça e o seu banco de pau fechado debaixo do braço, e foi estacionar em meio do pátio, à espera dos fregueses, pousando a canastra sobre o cavalete que ele armou prontamente. Em breve estava cercado por uma nuvem de gente. As crianças **adulavam**-no, e, à proporção que cada mulher ou cada homem recebia o pão, disparava para casa com este abraçado contra o peito. Uma vaca, seguida por um bezerro amordaçado, ia, **tilintando** tristemente o seu chocalho, de porta em porta, guiada por um homem carregado de vasilhame de folha.

O zunzum chegava ao seu apogeu. (...)

Acre: azedo.

Adulavam: lisonjeavam.

Alinhadas: dispostas em linha reta, niveladas.

Altercavam: discutiam.

Assentada: firmada.

Aurora: claridade que precede no horizonte o nascer do Sol, alvorada.

Carapinha: cabelo crespo e lanoso.

Coradouros: lugar em que se faz a cora das roupas.

Derradeiras: últimas.

Ensarilhavam: relativo a arranjar uma complicação, uma desordem.

Indolência: estado de êxtase contemplativo.

Latrinas: privadas.

Marulhar: relativo à agitação do barulho do mar.

Rezingas: ações de resmungar.

Suplantando: superando.

Tenra: delicada.

Traquinava: fazia travessura.

Tilintando: fazia soar.

Ventas: relativo a nariz, a cada uma das fossas nasais.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Alúcio de Azevedo publica a obra “O Cortiço” em 1890, num período de grandes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, após a Proclamação da República e a Abolição da Escravatura. Este foi um período de transição do término da estrutura colonial escravista para o sistema de produção assalariada.

O fragmento do Capítulo III, por meio dos personagens, retrata a realidade social das camadas mais baixas e denuncia seus problemas. A partir do texto, comente como eram as condições de moradia num cortiço.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

No capítulo III de “O Cortiço”, podem-se perceber as principais tendências do Naturalismo, que são o positivismo, o determinismo e o cientificismo. O positivismo é uma corrente criada por Augusto Comte que compreende as ciências como único conhecimento válido. O determinismo é baseado no princípio de que o comportamento humano é determinado pelo meio, pela raça e pelo momento histórico. Já o cientificismo corresponde à valorização do aspecto científico na explicação dos fatos. Considerando esses aspectos, identifique e explique as tendências naturalistas nos trechos abaixo.

TRECHO 1

“O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra”.

(6º parágrafo)

TRECHO 2

“A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punhalhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas”.

(3º parágrafo)

TRECHO 3

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas”.

“Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentia ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loira e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia”.

(Parágrafos: 1º e 2º)

TEXTO GERADOR II

O segundo texto gerador é parte do sétimo capítulo de “O cortiço”. Neste momento do romance, o personagem Jerônimo demonstra-se completamente rendido aos encantos de Rita Baiana. Na ótica naturalista, o português casado, sério e trabalhador não poderia resistir ao calor do Brasil e aos apelos sensuais da mulata. Esse texto serve de base para questões que auxiliam a desenvolver habilidades de leitura e uso da língua.

VII

(...)

Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. Aí, de queixo

grudado às costas das mãos contra uma cerca de jardim, permaneceu, sem **tugir** nem mugir, entregue de corpo e alma àquela cantiga sedutora e **voluptuosa** que o **enleava** e **tolhia**, como à robusta **gameleira** brava o cipó flexível, carinhoso e traiçoeiro.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo **refulgir** os **meneios** da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as **ilhargas** e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, **titilando**.

Em torno o entusiasmo tocava ao delírio; um grito de aplausos explodia de vez em quando, rubro e quente como deve ser um grito saído do sangue. E as palmas insistiam, cadentes, certas, num ritmo nervoso, numa persistência de loucura. E, arrastado por ela, pulou à arena o Firmo, ágil, de borracha, a fazer coisas fantásticas com as pernas, a derreter-se todo, a sumir-se no chão, a ressurgir inteiro com um pulo, os pés no espaço, batendo os calcanhares, os braços a querer fugirem-lhe dos ombros, a cabeça a querer saltar-lhe. E depois, surgiu também a Florinda, e logo o Albino e até, quem diria! o grave e **circumspecto** Alexandre.

O **chorado** arrastava-os a todos, **despoticamente**, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos **enamorados**.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das **sestas** da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha de caju, que abre ferida com seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele,

assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma **centelha** daquele amor **setentrional**, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de **cantáridas** que zumbiam em torno de Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar uma **fosforescência** afrodisíaca

Isto era o que Jerônimo sentia, mas o que o tonto não podia conceber. De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o **entorpecimento** de uma desconhecida embriaguez, não de vinho, mas de mel chuchurreado no cálice de flores americanas, dessas muito alvas, cheirosas e úmidas, que ele na fazenda via debruçadas confidencialmente sobre os limosos pântanos sombrios, onde as **oitícas** trescalam um aroma que entristece de saudade.

E deixava-se ficar, olhando. Outras raparigas dançaram, mas o português só via a mulata, mesmo quando, prostrada, fora cair nos braços do amigo. Piedade, a cabecear de sono, chamara-o várias vezes para se recolherem; ele respondeu com um resmungo e não deu pela retirada da mulher.

Passaram-se horas, e ele também não deu pelas horas que fugiram.

O círculo do pagode aumentou: vieram de lá defronte a Isaura e a Leonor, o João Romão e a Bertoleza, desembaraçados da sua faina, quiseram dar fé da patuscada um instante antes de caírem na cama; a família do Miranda pusera-se à janela, divertindo-se com a gentalha da **estalagem**; reunira povo lá fora na rua; mas Jerônimo nada vira de tudo isso; nada vira senão uma coisa, que lhe persistia no espírito: a mulata ofegante a resvalar voluptuosamente nos braços do Firmo.

Só deu por si, quando, já pela madrugada, se calaram de todo os instrumentos e cada um dos **folgadores** se recolheu à casa.

E viu a Rita levada para o quarto pelo seu homem, que a arrastava pela cintura.

Jerônimo ficou sozinho no meio da estalagem. A lua, agora inteiramente livre das nuvens que a perseguiam, lá ia caminhando em silêncio na sua viagem misteriosa. As janelas do Miranda fecharam-se. A pedreira, ao longe, por detrás da última parede do cortiço, erguia-se como um monstro iluminado na sua paz. Uma quietação densa pairava já sobre tudo; só se distinguiam o **bruxulear** dos **pirilampos** na sombra das hortas e dos jardins, e os murmúrios das árvores que sonhavam.

Mas Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada de baunilha, que lhe entontecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele

aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração.

E, erguendo a cabeça, notou no mesmo céu, que ele nunca vira senão depois de sete horas de sono, que era já quase ocasião de entrar para o seu serviço, e resolveu não dormir, porque valia a pena esperar de pé.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 3 ed. São Paulo: FTD, 1998, p. 70-83.

Bruxulear: Oscilar, tremular (a luz, quando está próxima a apagar-se).

Cantáridas: besouro da família dos Melóideos (*Epicauta atomaria*).

Centelha: faísca.

Circunspecto: reservado, cauteloso; sério.

Chorado: Folclore. Espécie de baile popular; baião.

Despoticamente: absolutamente.

Enamorados: apaixonados.

Enleava: envolvia.

Entorpecimento: o efeito da preguiça, da paralisia.

Estalagem: Conjunto de casinholas.

Folgadores: Folclore. Cantadores de modas de viola; modinheiro.

Fosforescência: Variedade de luminescência, causada pela exposição de certas substâncias a raios de luz, raios X ou catódicos, e que perdura após cessar a exposição.

Gameleira: Botânica. Designação comum a diversas árvores moráceas, de que há várias espécies, sendo mais conhecidas.

Ilhargas: Anatomia. Cada uma das duas partes laterais entre as falsas costelas e os ossos do quadril.

Meneios: balanços.

Oiticicas: Botânica. Árvore rosácea (*Licania rigida*).

Pirilampos: Nome comum aos besouros da família dos Lampirídeos, insetos capazes

de emitirem luminescência, produzida por vesículas especiais situadas no ápice do abdome; vaga-lume.

Refulgir: resplandecer, brilho intenso.

Sestas: Tempo de descanso após o almoço, em um momento de maior calor.

Setentrional: Do setentrião ou do Norte.

Titilando: estremeçando.

Tolhia: paralisava.

Tugir: sem dizer coisa alguma.

Voluptuosa: prazerosa.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

O fragmento do Capítulo VII trata do momento em que Rita Baiana dança e provoca uma sensação em Jerônimo, português recém-chegado ao Brasil. O trecho destaca a sensualidade de Rita em seu jeito de se vestir e se movimentar. Essa abordagem da mulher e, sobretudo, da mulata reflete o ponto de vista que Jerônimo terá do Brasil.

Para transmitir isso, o autor usa verbos e adjetivos que contribuem para dar um destaque ao comportamento de Jerônimo antes e depois da dança de Rita Baiana. Leia os trechos abaixo, identifique os verbos e adjetivos relacionados ao estado de ânimo de Jerônimo e explique seus sentidos.

TRECHO 1: ANTES DA DANÇA DE RITA BAIANA

Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. Aí, de queixo grudado às costas das mãos contra uma cerca de jardim, permaneceu, sem tugar nem mugir, entregue de corpo e alma àquela cantiga sedutora e voluptuosa que o enleava e tolhia, como à robusta gameleira brava o cipó flexível, carinhoso e traiçoeiro.

(1º parágrafo)

TRECHO 2: DEPOIS DA DANÇA DE RITA BAIANA

Mas Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada de baunilha, que lhe entontecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração.

(15º parágrafo)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 4

Na prosa naturalista, é possível perceber longas sequências descritivas, nas quais os termos escolhidos revelam as correntes ideológicas do determinismo, positivismo e cientificismo. Esse modo de organização da linguagem responde pela aproximação entre o comportamento humano e o instinto animal, além de evidenciar a visão de mundo do final do século XIX.

Refletindo sobre isso, identifique e explique os principais aspectos envolvidos na representação da imagem de Rita Baiana no trecho que segue.

A DANÇA SENSUAL DE RITA BAIANA

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.

(...)

O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

(Parágrafos: 3º, 5º e 6º)

TEXTO GERADOR III

O terceiro gerador é parte de um artigo de divulgação científica que, com base na biologia, critica o conceito de raça. O texto é relevante, pois, além de exemplificar o gênero, relaciona-se com um dos temas mais presentes na prosa naturalista. Essa relação pode favorecer a reflexão dos alunos acerca do contexto social e cultural do final do século XIX e ainda contribuir para o desenvolvimento da atividade de produção textual.

Contribuições da biologia à luta contra o racismo

As ciências biológicas, assim como as ciências sociais, deram, durante muito tempo, estatuto científico ao racismo. Nelas, ele baseava-se especialmente na afirmação de que a espécie humana era composta de três grandes raças e cada uma delas tinha atributos intelectuais e comportamentais específicos que justificavam uma hierarquia biologicamente estabelecida. Quem pensava assim via na prática social a comprovação dessa hierarquia. O conceito de raça – ou subespécie – era, portanto, o alicerce científico para o passo seguinte, o racismo e seu **corolário**, a superioridade racial de um grupo privilegiado.

A principal pergunta pertinente às ciências biológicas sobre esta questão é: a espécie humana é, objetivamente, composta por raças diferentes? Respondida esta pergunta poderíamos, então, partir para a seguinte: uma raça é superior a outra?

Essas questões receberam respostas diferentes ao longo dos últimos 200 anos. Hoje, o desenvolvimento e o acúmulo dos conhecimentos sobre a evolução da espécie humana, fornecidos principalmente pela **paleoantropologia** e pela genética, estabeleceram provas **irrefutáveis** sobre a inexistência de raças na espécie humana e desmascararam a camisa de força imposta por cientistas para adequar a realidade à prática social e à ideologia.

(...)

Para entendermos o estágio em que a ciência se encontra, é necessário ter em mente que por trás de toda prática científica estão as ideias, que, por sua vez, são resultado do contato do homem com a natureza, com os outros homens e suas criações. As ciências biológicas não são exceção à regra. Elas também estão imersas no universo ideológico, e o debate sobre a existência de raças biologicamente definidas na espécie humana é uma demonstração de que a ciência e a ideologia são inseparáveis e de como é tortuoso o caminho que nos leva ao conhecimento da realidade. Mas é, ao mesmo tempo, uma demonstração de que a ciência pode nos dar elementos importantes para o entendimento do mundo em que vivemos e auxiliar na proposição de lutas para torná-lo mais justo e mais humano.

(...)

Numa época em que, de um lado, a prática da escravidão estava no auge e, de outro, a ciência não dispunha de elementos para compreender a evolução humana – a paleoantropologia ainda engatinhava à procura de fósseis dos ancestrais humanos e não se conheciam os mecanismos de herança das características dos seres vivos – a ciência biológica europeia, é bom lembrar, associava traços culturais que não conseguia entender à variedade física dos povos, alegando que eram determinados pelo clima onde esses povos viviam. Assim, os traços culturais dos povos asiáticos e africanos eram associados às suas características físicas e como essas culturas eram consideradas inferiores à cultura europeia, que então procurava se impor nas diversas colônias, os povos mongoloides e negroides eram considerados inferiores.

Pode-se dizer que essas ideias predominaram nas ciências biológicas até o início do século XX, **acaçapando** as visões discordantes. O desenvolvimento de dois ramos das ciências biológicas, a paleoantropologia e a genética evolutiva, na primeira metade do século XX, e a ameaça representada pelas ideias nazistas e eugenistas durante a Segunda Guerra Mundial foram determinantes para destronar temporariamente aquela concepção no âmbito das ciências biológicas. E, após a derrota do nazismo, mesmo biólogos conservadores, como Edward O. Wilson, um dos fundadores da sociobiologia, diziam que a noção de raça ou subespécie era tão arbitrária que deveria ser abandonada.

(...)

Raça, um conceito ideológico, e não biológico

A luta contra as ideias racistas foi intensa. Apesar dos avanços posteriores à Segunda Guerra Mundial, o debate sobre a existência de raças **recrudescceu** na década de 1970, quando foram publicados livros como “O Macaco Nu”, de Desmond Morris, “Gene Egoísta”, de Richard Dawkins e “Sociobiologia”, de Edward O. Wilson. As ideias racistas e deterministas dessas obras, fartamente divulgadas pela imprensa da época, foram atacadas por cientistas progressistas, de inspiração marxista, como Richard Lewontin, Steven Rose, Leon Kamin, Marcel Blanc, Stephen J. Gould, entre outros, que promoveram uma verdadeira campanha de divulgação de experimentos e pesquisas científicas e demonstraram como as ideias apresentadas por aqueles autores não tinham fundamentos científicos e eram, apenas, conclusões de ordem moral e ideológica.

Nessa época, os livros do paleontólogo Stephen J. Gould começaram a chegar às livrarias mostrando que a teoria neodarwinista não era a única explicação para a origem de espécies novas. Uma das ideias combatidas por Gould é a de que as raças ou subespécies são estágios transitórios do processo de especiação. Ele é veemente no combate à ideia de que a evolução é um processo de “melhoramento” das espécies e de que há uma hierarquia entre elas. Ao contrário, ele defende que a seleção natural é um fator menor na origem das espécies e considera que o acaso é o principal motor da evolução. O acaso representado por catástrofes naturais, por alterações gradativas no ambiente, por mutações genéticas ou alterações mais profundas no material genético são responsáveis pelo desaparecimento da maior parte das espécies e pelo surgimento de novas.

Algumas ideias de Gould (muitas delas inspiradas em colegas que no início do século foram solapados pela força do neodarwinismo, como Richard Goldschmidt), foram reconhecidas e incorporadas por cientistas como Ernst Mayr, fundador do neodarwinismo.

Na segunda metade do século XX, os achados de fósseis de ancestrais humanos acrescentaram novos argumentos contra a existência de raças ao mostrarem que a espécie humana é muito nova na face da Terra – surgiu há apenas cerca de 160 mil anos, tempo insuficiente para que houvesse se diferenciado em raças. Além disso, mostraram que o inter cruzamento, ao contrário do isolamento, é uma característica da espécie, impossibilitando a ocorrência do processo de especiação neodarwinista.

Atualmente, portanto, é consenso de que não existem raças biologicamente definidas entre os homens. Mesmo tendo destruído o conceito biológico de raça humana, não será a ciência que destruirá o racismo, cujas origens não são científicas e nem fazem parte da natureza humana. O racismo também não é um mero problema de atitude, um preconceito residual do tempo da escravidão, como a visão liberal tradicional deseja. As origens do racismo são ideológicas e suas bases se mantêm na medida em que o racismo reforça o sistema capitalista. As conclusões da paleoantropologia e da genética de populações, no entanto, devem ser incorporadas à luta contra o racismo com a mesma veemência que as conclusões pseudocientíficas o foram ao seu favor em tempos de triste memória.

Verônica Bercht, bióloga e jornalista.

(In: http://grabois.org.br/portal/cdm/revista.int.php?id_sessao=50&id_publicacao=188&id_indice=1502.
Fragmento adaptado.)

Acaçapando: achatando, esmagando.

Corolário: afirmação deduzida de uma verdade já demonstrada.

Irrefutáveis: incontestáveis, evidentes.

Paleoantropologia: estudo que, reunindo os campos da paleontologia e antropologia, trata dos fósseis de homínídeos (considerados os mais antigos representantes da humanidade).

Recrudescer: tornou-se mais intenso, aumentou.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 5

O artigo científico tem como objetivo divulgar resultados de pesquisa para conhecimento do público, permitindo refletir acerca das implicações deles decorrentes. A partir da divulgação de pesquisas, é possível reavaliar posturas e procedimentos e reorientar ações e políticas, bem como derrubar mitos.

- A. No artigo em foco, após a necessária contextualização feita nos primeiros parágrafos, é possível identificar a tese que será defendida no texto. Que tese é essa?
- B. Os adeptos da teoria de que havia raças na espécie humana usavam o argumento da “variedade física dos povos, alegando que eram determinados pelo clima onde esses povos viviam”, para indicar a existência de raças e sua hierarquia. Um forte contra-argumento a essa teoria advém do pouco tempo de existência da espécie humana. Explícite esse contra-argumento.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

No fragmento abaixo, retirado dos dois últimos parágrafos do texto de Verônica Bercht podemos ler o seguinte:

Na segunda metade do século XX os achados de fósseis de ancestrais humanos acrescentaram novos argumentos contra a existência de raças ao mostrarem que a espécie humana é muito nova na face da Terra – surgiu há apenas cerca de 160 mil anos, tempo insuficiente para que houvesse se diferenciado em raças. Além disso, mostraram que o intercruzamento, ao contrário do isolamento, é uma característica da espécie impossibilitando a ocorrência do processo de especiação neodarwinista.

Atualmente, portanto, é consenso de que não existem raças biologicamente definidas entre os homens. Mesmo tendo destruído o conceito biológico de raça humana, não será a ciência que destruirá o racismo, cujas origens não são científicas e nem fazem parte da natureza humana. O racismo também não é um mero problema de atitude, um preconceito residual do tempo da escravidão, como a visão liberal tradicional deseja. As origens do racismo são ideológicas e suas bases se mantêm na medida em que o racismo reforça o sistema capitalista. As conclusões da paleoantropologia e da genética de populações, no entanto, devem ser incorporadas à luta contra o racismo com a mesma veemência que as conclusões pseudocientíficas o foram ao seu favor em tempos de triste memória.

Nessa passagem, a autora corrobora a tese que motivou seu artigo através da apresentação da descoberta - propiciada pelos achados de fósseis – de que a espécie humana era nova na terra e de que “o intercruzamento, ao contrário do isolamento, é uma característica da espécie impossibilitando a ocorrência do processo de especiação neodarwinista.” O primeiro argumento é seguido por um conectivo que indica a introdução de mais um argumento a favor da tese defendida. Identifique esse operador discursivo e explique a que conclusão ele leva.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 7

Leia o fragmento abaixo atentando para as expressões destacadas no texto, bem como para os nomes dos cientistas citados. Observe que as expressões em destaque estão associadas a duas correntes diferentes e opostas: a que defendia a ideia de raça na espécie humana e a que se posicionava contra essa perspectiva. Considerando a orientação argumentativa do artigo, é possível perceber que adjetivos e locuções utilizados foram escolhidos de modo a reforçar a tese que a autora estava defendendo:

A luta contra as ideias racistas foi intensa. Apesar dos avanços posteriores à Segunda Guerra Mundial, o debate sobre a existência de raças recrudescceu na década de 1970, quando foram publicados livros como *O Macaco Nu*, de Desmond Morris, *Gene Egoísta* de Richard Dawkins e *Sociobiologia* de Edward O. Wilson. As **ideias racistas e deterministas** dessas obras, fartamente divulgadas pela imprensa da época, foram atacadas por **cientistas progressistas**, de inspiração marxista, como Richard Lewontin, Steven Rose, Leon Kamin, Marcel Blanc, Stephen J. Gould, entre outros, que promoveram uma verdadeira campanha de divulgação de **experimentos e pesquisas científicas** e demonstraram como as ideias apresentadas por aqueles autores não tinham fundamentos científicos e eram, apenas, **conclusões de ordem moral e ideológica**.

- A. Das expressões destacadas, indique quais se relacionam favoravelmente à existência de raças na espécie humana e quais se relacionam contra a ideia de raça.
- B. Explique por que a autora optou pelas expressões que você indicou para cada uma das ideias representadas. Considere, para sua resposta, a orientação argumentativa do texto.

- C. De que modo a citação de nomes de cientistas contribuiu para o processo argumentativo que faz a autora do artigo?

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 8

Neste ciclo, a partir do estudo do romance naturalista e do gênero artigo de divulgação científica, foi possível notar o perigo da orientação ideológica no desenvolvimento da ciência. Você viu que interpretações equivocadas sobre a espécie humana foram responsáveis pela consolidação de vários preconceitos. A história testemunhou esses terríveis equívocos algumas vezes, como no final do século XIX ou durante o nazismo alemão. E atualmente? Será que a humanidade está livre desse tipo de erro? Para alguns pensadores, parece que não.

Os mais recentes avanços científicos permitiram mapear os genes humanos, o que representa um caminho para a cura de doenças graves. Por outro lado, esse conhecimento aponta para o risco de uma discriminação genética, como mostra o seguinte fragmento:

O conhecimento advindo da decodificação do código genético trouxe à tona sérias questões de ética. O “livro” do genoma traz promessas de benefícios às pessoas, como tratamentos definitivos para o câncer, doenças cardíacas e outras enfermidades. Mas traz também lembranças do pesadelo nazista, das políticas de eugenia contra portadores de genes ligados a doenças e quaisquer outras características físicas. Os mesmos testes de diagnóstico que poderão ajudar uma pessoa com predisposição genética para doenças cardíacas a prevenir complicações poderão ser usados por seguradores e empregadores para discriminá-la. Se exames feitos ainda no útero da mãe mostrarem que uma criança sofre de uma doença genética com incapacidade física ou mental, quais parâmetros serão analisados na interrupção da gestação?

(In: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/bs?dd1=13&dd99=view>. Fragmento)

Neste momento, você está convidado a produzir um artigo de divulgação científica que aborde as implicações éticas do mapeamento genético humano. Para isso, você deve pesquisar informações sobre o tema. Antes de escrever, porém, não se esqueça

de elaborar um roteiro, de estabelecer a sua tese e de selecionar os argumentos para defendê-la. Como importantes traços do gênero, não podem faltar no seu texto a referência aos termos da área científica e a linguagem simples, acessível a um público mais amplo e não especializado. Para organizá-lo melhor, você também pode pedir auxílio ao seu professor.

Agora, mãos à obra!